O santuário mariano

Fátima, 12 de novembro de 2026

O santuário mariano ocupa, na vida da Igreja, um lugar totalmente singular para vivenciar e celebrar o mistério da fé. Por um lado, compartilha com todos os santuários a necessidade comum da peregrinação e a expressão da piedade popular; por outro, destaca-se a figura única de Maria, que, não apenas para o povo dos fiéis, representa o ícone mais singular para o qual dirigir o olhar a fim de obter conforto e consolo. É no contexto dessas duas premissas que se podem reunir algumas considerações úteis para tornar o santuário mariano um verdadeiro local de evangelização. Para que isso aconteça, é necessário dar a devida atenção ao momento histórico que se vive, de modo a poder atender às necessidades que se manifestam por meio do anúncio do Evangelho, que traz a salvação.

Um olhar para o presente

Não se pode negar que, nos últimos anos, esteja surgindo uma busca inesperada por espiritualidade que merece atenção. A procura por espiritualidade é muito mais comum do que se imagina, e isso não é alheio à constatação do crescimento exponencial da tecnologia na vida cotidiana das pessoas, com um inevitável empobrecimento do aspecto humano, e à crescente necessidade de espiritualidade e de um retorno à natureza. A crescente sensibilidade ecológica, de fato, é sinal de um fenômeno que pertence a esse desejo genérico ao qual muitas vezes não se consegue dar forma nem nome. A busca pela espiritualidade parece atrair sobretudo o mundo juvenil. Talvez seja oportuno citar as palavras do Salmo: “Eis a geração que te busca, que busca a tua face” (Sl 24,6). Não se pode ignorar o fato de que mais de um milhão de jovens, durante o Jubileu, viveram com convicção uma experiência genuína de espiritualidade. A invasão do Circo Máximo, não para um show, mas para serem ouvidos e perdoados; em Torvergata, uma vigília eucarística reuniu, em um silêncio incrível, todos os jovens presentes, e o mesmo deve

ser reconhecido em relação à celebração da Santa Missa no dia seguinte. Fenômenos que parecem escapar às pesquisas sociológicas sobre a religiosidade, mas que, na verdade, são reais e exigem uma reflexão. Tal demanda exige, da nossa parte, uma atenção especial, pois o cristianismo é apresentado como uma das muitas espiritualidades presentes no "supermercado das religiões", onde cada um escolhe o que mais lhe agrada, sem fazer referência à verdade e à liberdade, que são os fundamentos da nossa fé para uma antropologia coerente.

Para todos nós, isso é um apelo à vigilância. A imagem do amanhecer, que deve manter acordados aqueles que têm a responsabilidade de interpretar os sinais dos tempos, é a metáfora que devemos adotar para não desviar o olhar. É urgente que a escuta dessas necessidades se transforme na capacidade de uma linguagem capaz de responder às indagações sobre o sentido da vida, sobre o desejo de relacionamentos significativos e sobre testemunhos confiáveis que falem de verdade, liberdade e amor. Será útil não oferecer nostalgia do passado, mas sim a paixão por construir o futuro com liberdade e coragem.

O caminho da *espiritualidade* é a condição que permite ao homem retornar ao íntimo de si mesmo. A evangelização precisa propor, com convicção, o fascínio que o mistério e o caminho do silêncio despertam, para que ele possa ser percebido em sua profundidade. O apelo de Santo Agostinho torna-se o caminho principal para seguir o Senhor na via da contemplação, pela qual se sente uma forte saudade: "noli foras ire, in te ipsum redi, *não saias de ti mesmo, mas volta para dentro de ti*". A essas palavras ecoam as de Anselmo: "Entra no íntimo da tua mente, expulsa tudo, exceto Deus, e, fechada a porta, procura-O. Senhor, ensina ao meu coração onde e como posso te buscar, onde e como posso te encontrar"[1]. A uma pessoa que tantas vezes se deixa levar pela efemeridade da diversão, é preciso devolver a dignidade de um relacionamento genuíno consigo mesma, por meio da recuperação do silêncio e da escuta. Um silêncio que se fortalece não pela ausência de palavras, mas pela profundidade da verdadeira linguagem. Uma escuta

[1] Anselmo, *Proslogion* 1.

que não é passiva, reprimindo-se, mas ativa, colocando-se diante do outro para assumir a responsabilidade por ele.

Nesse contexto, no que diz respeito à evangelização, insere-se também o papel do santuário mariano, que manifesta sua espiritualidade "popular". É uma espiritualidade que se fortalece na relação simples e direta com a Virgem Maria. Ela se expressa por meio da manifestação típica da fé das pessoas simples, que faz emergir o sentimento de um relacionamento totalmente pessoal e íntimo com a Mãe de Deus, composto por expressões mais emocionais: a procissão, a bênção, as relíquias, os rosários, as medalhas, as imagens, as velas… enfim, tudo o que expressa uma forma de devoção. É preciso acrescentar um componente nada secundário: a dimensão da festa, na qual se privilegia uma certa "teatralidade" que, em suas diversas formas, manifesta a emotividade e os sentimentos.

Tudo isso evidencia o caráter propriamente inculturado da fé, aspecto que merece ser ressaltado, pois expressa, de modo particular, as tradições transmitidas de geração em geração, que contribuem para a formação da identidade do santuário. O santuário mariano pode oferecer uma resposta positiva a essa busca de espiritualidade, mostrando como Maria pode ser uma verdadeira catequista, orientando e acompanhando esse caminho.

A saudação

O cenário que se abre diante de nós é a primeira aparição de Maria no Evangelho. Uma jovem moça de Nazaré escolhida para se tornar a Mãe de Deus. O que dá início a essa cena é a saudação: "Alegra-te, Maria" (Lc 1,28). Na simplicidade desse gesto, é possível vislumbrar a profundidade do mistério de Deus. Deus entra na vida dessa jovem e, antes de mais nada, a saúda. A saudação torna-se o prenúncio de um diálogo intenso que levará à obediência ao plano de Deus. Não se deve ignorar essa saudação como se fosse algo óbvio. Nada na relação com Deus pode ser óbvio. A saudação é o paradigma do encontro com uma pessoa. O homem vive de relações, e a primeira e determinante é aquela que lhe permite encontrar um interlocutor. Tudo começa com uma saudação em que todo o corpo está envolvido: os olhos se cruzam, os lábios se abrem em um sorriso, a palavra se torna concreta, o possível abraço expressa alegria… quantos aspectos possui

a saudação que se tornam um todo para manifestar a acolhida e a disponibilidade para um verdadeiro encontro.

Em uma época em que, sobretudo nas grandes cidades, o individualismo se torna a característica marcante que faz com que o anonimato predomine, e cada um, com os olhos fixos no celular, envia mensagens pelo *WhatsApp* sem se importar com o que acontece à sua frente, voltar a olhar nos olhos uns dos outros e cumprimentar-se torna-se um instrumento cultural que nos remete à necessidade do relacionamento interpessoal. É interessante observar, no entanto, a novidade da saudação que surge em nosso texto de Lucas. No mundo romano, saudava-se com "Ave" para desejar *saúde física*; hoje em dia, diz-se "Bom dia" ou "Boa noite" para desejar que o *momento* seja propício. A saudação a Maria, por outro lado, situa-se em outro nível que vai além da simples cortesia. O que é dito faz referência direta à pessoa para expressar *felicidade*. "Estou feliz em te ver" é a tradução que se poderia fazer sem comprometer o sentido original. Com aquele verbo simples (Χαῖρε), diz-se a Maria que ela deve estar feliz, que deve estar em alegria, pois lhe é revelado o futuro que a aguarda.

Essa simples conotação deveria ser o que introduz ao santuário mariano. O peregrino é recebido com a mesma intensidade e os mesmos sentimentos com que Maria foi saudada por Gabriel. O santuário se torna o lugar onde quem chega encontra, em primeiro lugar, uma pessoa que o recebe. Quem chega não é um estranho nem um incômodo, mas uma pessoa que busca a Deus, e Deus vai ao seu encontro com a mesma saudação com que quis encontrar Maria, desejando-lhe o bem e a serenidade.

Mulher do silêncio

A partir dessa saudação, podemos ir além e identificar, entre muitos outros, três aspectos peculiares do santuário mariano que podem ajudar a construir uma catequese de evangelização.

Em primeiro lugar, podemos ver Maria como a "mulher do silêncio e da escuta", como a definiu João Paulo II[2]. Duas expressões que merecem ser destacadas, pois possuem uma profunda dimensão antropológica e cristã. A primeira sensação que o peregrino deveria ter ao chegar ao santuário mariano seria a de estar envolto pelo silêncio. O barulho e o alvoroço deveriam ficar do lado de fora, para que se compreenda que se está entrando em um lugar sagrado. As palavras do Salmo deveriam guiar o peregrino que entra no santuário: "Fica em silêncio diante do Senhor" (Sl 37,7). A partir de uma atitude do próprio corpo, chega-se a compreender o anseio da alma. Para o Salmo, o silêncio torna-se premissa necessária para viver em paz e estar sereno, de modo a perceber a presença de Deus que traz salvação. Saber que se tem fome de silêncio e não saber como saciá-la: eis a acolhida que o santuário oferece.

O início da oração está no silêncio que atesta a pobreza de nossa pessoa, que se entrega humildemente e com confiança a Deus. Como não encontrar, nesse sentido, uma cena significativa oferecida pela mãe do profeta Samuel, Ana: "Enquanto ela prolongava a oração diante do Senhor, Eli observava sua boca. Ana orava em seu coração e apenas seus lábios se moviam, mas a voz não se ouvia" (1 Sm 1,12-13). Ana orava com o coração, com aquela oração que vem do Espírito e que pode chegar até Deus. Ana, diz a Sagrada Escritura, estava "apenas derramando a alma diante do Senhor" (1 Sm 1,15). Quantas pessoas vêm ao santuário para desabafar o coração e se entregar ao Senhor! Deveríamos ser capazes de perceber essa oração do coração, feita de silêncio, e deveríamos fazer nossas as palavras do sumo sacerdote: "Eli respondeu-lhe: 'Vá em paz, e que o Deus de Israel te conceda o que pediste'" (1 Sm 1,17).

Esses comportamentos são bem descritos e vividos por Maria. Não passa despercebida a observação de Lucas, que por duas vezes escreve: "Maria guardava todas essas coisas em seu coração" (Lc 2,29.51). Uma expressão que revela toda a angústia presente no coração de uma mãe ao tentar compreender o plano de Deus, que pouco a pouco se desenrolava diante de seus olhos e ao qual ela precisava se entregar com

[2] Giovanni Paolo II, Lettera apostolica *Tertio millennio adveniente*, n. 48.

confiança. Sua oração, feita com o coração, levava-a a guardar dentro de si a experiência que vivia em primeira pessoa.

Conduzir à descoberta profunda do silêncio, educar para o silêncio da escuta, apresenta-se, portanto, como um compromisso e uma responsabilidade próprios da evangelização. Essa oração, no entanto, embora seja o ponto de partida, revela-se muito difícil de colocar em prática; exige um compromisso sério e paciência para que amadureça. Possuímos, no entanto, um imenso patrimônio de espiritualidade que nos permite constatar que esse caminho não só é percorrível, mas, acima de tudo, é repleto de sentido e fecundo[3]. Podemos encontrar histórias reais de oração que não esquecem a "luta" e a "noite escura" como aspectos marcantes e significativos para aqueles que almejam uma vida espiritual. É o fruto de uma longa jornada que exige paciência, humildade e, acima de tudo, confiança. O santuário mariano assume essa condição que nos leva a aceitar nossa própria pobreza e fraqueza, para permitir que o Espírito nos molde segundo o seu pensamento e nos conduza à presença de Deus. Buscar o silêncio para encontrar a si mesmo torna-se um compromisso que não podemos deixar de cumprir.

Maria Hodegétria

Uma segunda característica de Maria é a de ser *Hodegétria*, aquela que indica o caminho. Quantas ícones em nossos santuários retratam a Virgem apontando para Jesus com a mão. A imagem do presépio continua sendo o ícone mais significativo para compreender a presença de Maria na vida dos fiéis. Ela está ajoelhada diante do filho e o contempla. Dessa criança emana uma luz que ilumina tudo, pois indica a irrupção de Deus na história. Maria conduz a Jesus e à Igreja. Essa dimensão precisa estar presente em nossos santuários para permitir um crescimento coerente na fé. Podem ser úteis as palavras de Paulo quando escreve: "Pois, assim como a mulher provém do homem, também o homem recebe a vida da mulher; mas tudo provém de Deus" (1 Cor 11,12). A reflexão do apóstolo é muito significativa para nós. Ele lembra que, assim como Eva

[3] Cfr. D. MacCulloch, *Silence. A Christian History*, London 2013, 19-22.

provém de Adão por ter sido criada por Deus a partir de uma de suas costelas, assim agora Maria, a nova Eva, gera Jesus, o novo Adão, para entregá-lo ao mundo. Por meio da mulher, o Filho de Deus é gerado; é por isso que ela deve ser chamada, com todo o direito, de *Theotokos*, a casa de Deus. Maria não guarda esse filho zelosamente para si, mas o oferece e o entrega ao mundo. É ele quem traz a salvação, é ele quem revela o amor do Pai; ela é aquela que gera porque cumpre a vontade de Deus.

No plano da salvação, tudo tem origem em Deus e toda a realização se concretiza nele. Cada um, no entanto, ocupa um lugar e cumpre uma missão que precisa ser realizada, pois somente assim se cumpre o plano da salvação. Maria é a resposta dada ao pedido de Deus de entrar no mundo, e somente por meio dela isso se concretiza. Permitir que quem vem ao santuário descubra sua vocação e missão na Igreja e no mundo é uma condição fundamental, pois expressa o serviço que cada um é chamado a desempenhar com seu próprio carisma.

A poesia soube expressar esse mistério. São Efrém, o sírio, um diácono do século IV (quarto), escreveu palavras maravilhosas a esse respeito: "Não sou apenas ciumenta, meu Filho, / de que estarás comigo e com todos. / Sê Deus para quem te confessa, / sê Senhor para quem te serve, / sê Irmão para quem te ama, / para que possas salvar a todos. / Quando habitavas em mim, / em mim e fora de mim habitava a tua majestade. / E quando eu te dei à luz visivelmente, / teu poder invisível não se afastou de mim, / Tu estás em mim e estás fora de mim… / Escondido e visível, tua Igreja deve ver-te como tua Mãe"[4].

Nesse último versículo, é possível perceber a profundidade da verdade à qual somente a poesia pode chegar: Maria ensina que a Igreja precisa ver Cristo como uma mãe que, na cruz, a gera derramando sangue e água, assim como Ambrósio interpretou, referindo-se ao batismo e à eucaristia [5]. Ao mesmo tempo, porém, pode-se afirmar que a Igreja deve ver Cristo como o vê sua Mãe Maria e, portanto, olhar para Jesus com os olhos de Maria.

[4] Efrem, De Nativitate 16,1-4; cfr H. U. von Balthasar, *Teodrammatica* III, Milano 1983, 269-271.
[5] Cfr Ambrogio, *Sui misteri*, 19-21.

O peregrino que chega ao santuário mariano precisa descobrir o quanto é determinante o vínculo entre Maria e a Igreja. Ela aponta Cristo como o caminho a seguir, do qual cada um deve se tornar discípulo. Aponta, porém, também a Igreja como a comunidade dos fiéis chamados a viver a comunhão para serem testemunhas fiéis do Senhor. Um texto muito antigo nos ajuda a compreender a beleza dessa verdade. Trata-se de Isaac da Estrela, um monge cisterciense falecido em 1169 (mil cento e sessenta e nove), discípulo de São Bernardo, que, com seu pensamento, soube dar um fundamento teológico à unidade entre Maria e a Igreja como mãe. "Não há senão um único Cristo, único e total, cabeça e corpo. E esse Filho único de um único Deus no céu e de uma única mãe na terra é constituído por muitos filhos e por um único Filho. Pois, assim como a cabeça e os membros são um único Filho e muitos filhos, assim também Maria e a Igreja são uma única mãe e várias mães; uma única virgem e várias virgens. Uma e outra são mães; uma e outra são virgens; uma e outra concebem pela ação do mesmo Espírito; uma e outra dão, sem pecado, uma descendência a Deus Pai. Aquela que não conheceu pecado deu ao Corpo a Cabeça; esta gerou um corpo para a Cabeça por meio da remissão de todos os pecados. Ambas são mães de Cristo, mas nenhuma delas O dá à luz por si só, sem a outra. Por isso, nas Escrituras divinamente inspiradas, o que é dito de maneira universal sobre a Virgem Mãe Igreja é corretamente entendido no sentido singular da Virgem Mãe Maria; e o que é dito no sentido especial da Virgem Mãe Maria é entendido no sentido geral da Virgem Mãe Igreja. E quando um texto fala de uma ou de outra, o conteúdo se aplica quase sem distinção a ambas" [6].

Mãe de misericórdia

Um terceiro aspecto que os santuários marianos podem destacar como característica peculiar é o de Maria como Mãe de misericórdia. Quem entra em um santuário mariano e canta o *Magnificat* ou a *Salve Regina* não pode voltar para casa sem ter feito experiência da misericórdia. Como se sabe, é difícil definir o que é misericórdia.

[6] L. Gambero, *Maria nel pensiero dei teologi latini medievali*, Cinisello B. 2000, 211.

O que se reúne em torno desse termo é um conjunto de atitudes que, somente em sua complementaridade, tornam evidente o todo. Misericórdia é proximidade, compaixão, consolo, proteção, perdão… isso e muito mais está contido naquele termo hebraico *rahamin*, que pretende expressar o amor visceral de Deus. A origem desse título para Maria é difícil de determinar. Provavelmente, entre as muitas hipóteses, remonta ao século X (décimo) no contexto do mosteiro beneditino de *Cluny*. Conta-se que um bandido que se tornou monge em *Cluny* viu em sonho uma bela senhora que lhe perguntou se ele a conhecia. À resposta negativa do monge, a senhora respondeu: "*Ego sum mater misericordiae*", eu sou a mãe da misericórdia.

Experimentar a misericórdia por meio de Maria significa, mais uma vez, manter o olhar fixo em Jesus, seu Filho. Maria é a mãe da misericórdia porque gerou Jesus Cristo, que é o rosto da misericórdia do Pai [7]. Não é por acaso que muitos santuários surgiram com o ícone de Maria, que acolhe a todos sob seu manto. *Nossa Senhora da Misericórdia* nada mais é do que o espelho no qual se reflete a misericórdia. O peregrino busca no santuário o consolo, que é uma das faces da misericórdia, para expressar a esperança de que tanto precisa. Quantos cruzam o limiar do santuário desejam sentir proximidade, carinho, compreensão e apoio. Os olhos fixos em Maria trazem a certeza de serem acolhidos e ouvidos. As lágrimas que muitas vezes marcam o rosto dos peregrinos podem ser enxugadas pela mão maternal da Virgem Maria, que vai ao encontro deles como uma mãe que ama, pois ela própria conheceu a dor e a provação. Rezar para que seus "olhos misericordiosos" possam se voltar para quem quer que a invoque é uma mensagem que chega ao coração do peregrino, pois ele atravessa o limiar do santuário para se colocar sob a proteção da Virgem.

O santuário, como lugar da misericórdia, precisa oferecer sinais tangíveis de consolo e esperança. Se a celebração do sacramento da reconciliação se torna o lugar privilegiado para vivenciar isso, não devem faltar, porém, sinais concretos que expressem a proximidade e o amor. Uma palavra amiga, a mão sobre a cabeça em sinal de bênção,

[7] Cfr. Bolla di indizione del Giubileo straordinario della misericordia, *Misericordiae vultus* e la Lettera apostolica *Misericordia et misera* a conclusione dello stesso giubileo, dove si trova un vero "trattato" della misericordia.

uma carícia, um abraço, uma oração em comum… são todos sinais que podem ser percebidos para afirmar que, no santuário, se experimentou a ternura da Mãe de Deus. Não é por acaso que a imagem da Mãe de Deus sempre foi retratada para expressar sua doçura. Isso permite que quem mantém o olhar fixo nela durante a oração descubra a afabilidade e a confiabilidade que buscava e, assim, encontre a empatia que faz com que se sinta acolhido e amado.

Para concluir

O santuário mariano tem a missão de revelar o verdadeiro rosto da Mãe de Deus: a mulher que nos orienta para Cristo e nos faz participar da comunidade dos fiéis. Maria transmite a cada geração seu Filho, para que Ele seja a salvação para todos aqueles que nele crêem. Ela é verdadeiramente a "Auxiliadora", pois vai ao encontro de todos, oferecendo a certeza da esperança cristã. Para concluir, podem servir de ajuda as palavras de um grande teólogo pouco conhecido do século VIII (oitavo), Paulo, conhecido como o Diácono, monge em Montecassino e posteriormente chamado por Carlos Magno para Aquisgrana (*Aachen*) como mestre. "Alegremo-nos de todo o coração por causa desta nossa advogada tão poderosa e fiel. Ela não recusa sua ajuda a ninguém que a peça de maneira adequada e por ninguém intercede em vão junto a seu Filho… Mas como devem ser as homenagens com as quais podemos honrar dignamente uma Mulher tão sublime? Certamente, a homenagem que mais lhe agrada consiste em imitar sua vida santíssima, em amar o que ela amou"[8].

✠ Rino Fisichella

[8] L. Gambero, *Maria nel pensiero dei teologi latini medievali*, 60.